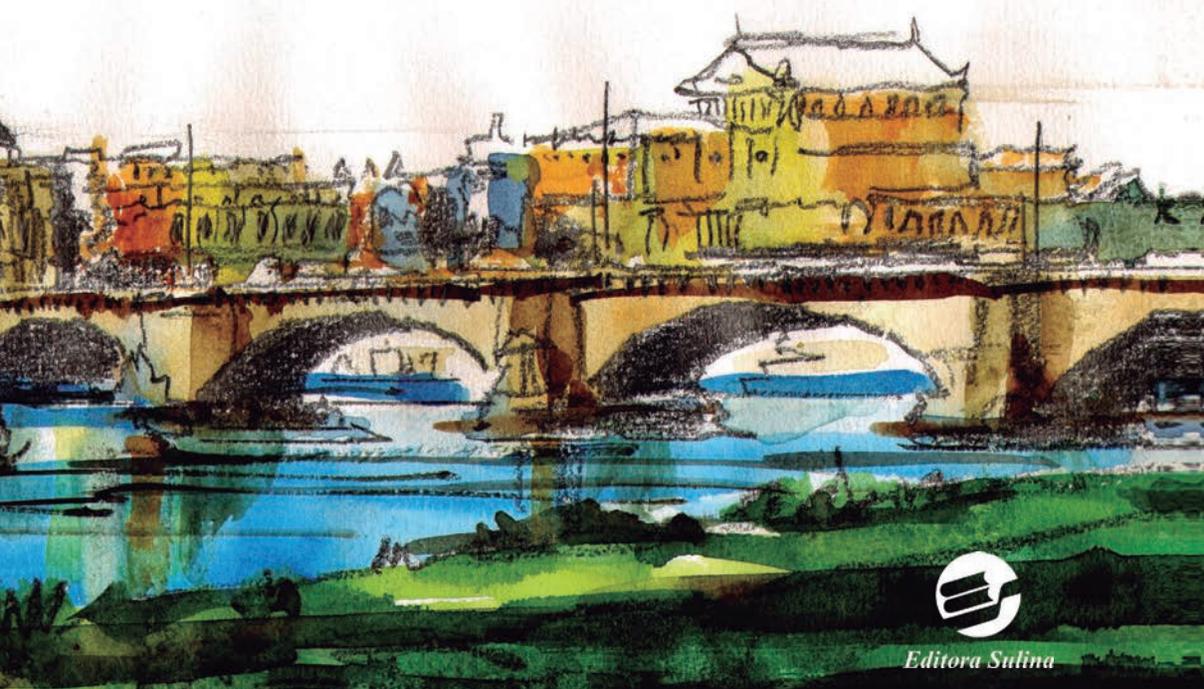


**Alemanha, uma vez**



# Alemanha, uma vez

Joaquim da Fonseca



Editora Sulina

Copyright © Joaquim da Fonseca, 2023

Capa: Like Conteúdo (arte de Joaquim da Fonseca, 2023)

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

F676a Fonseca, Joaquim da  
Alemanha, uma vez / Joaquim da Fonseca. -- Porto Alegre:  
Sulina, 2023.  
312p.:il.; 16x23cm

ISBN: 978-65-5759-125-3

1. Alemanha – Viagens. 2. Alemanha – História. 3. Turismo -  
Alemanha. I Título.

CDU: 379.85(430)

CDD: 914

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3110.9801

[www.editorasulina.com.br](http://www.editorasulina.com.br)

e-mail: [sulina@editorasulina.com.br](mailto:sulina@editorasulina.com.br)

Outubro/2023

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Quando era um garoto de 10 anos de idade, vivia em Santa Maria, então um centro ferroviário de grandes dimensões. Costumava, do alto de um barranco por trás do Colégio Manoel Ribas, contemplar o movimento das dezenas de locomotivas manobrando os carvoeiros, os vagões de carga, de passageiros e dos carros-leitos no imenso parque ferroviário que se estendia por três quilômetros até Camobi. Acompanhava com a minha imaginação os trens que chegavam e partiam para a fronteira até Uruguaiana, para a serra até São Paulo, e para a Capital até Porto Alegre. Viajava com eles, imaginando o fantástico de seus destinos. O parque ferroviário não existe mais, mas as viagens, como a deste livro, se tornaram realidade.



# Sumário

8	Prefácio
13	Alemanha, <i>ach du lieber!</i>
19	O mapa da viagem
21	Hannover
41	Bremen
61	Hamburg
85	Schwerin
95	Berlin
119	Potsdam
129	Leipzig
141	Dresden
157	München
173	Nürnberg
193	Rothenburg ob der Tauber
203	Ulm
213	Stuttgart
225	Heidelberg
239	Frankfurt am Main
259	Mainz
271	Köln
285	Bonn
297	Das Rheintal, o Vale do Reno
307	Em 1824 a Alemanha era assim

# Prefácio

Se a intenção deste prefácio ao livro *Alemanha, uma vez* implicasse dizermos o que seu autor realizou e “aprontou” na vida, ele se alongaria por demais. A trajetória de Joaquim da Fonseca é extensa e rica, não só no que diz respeito a sua formação, que resultou no artista plástico, designer gráfico e professor universitário reconhecido em todo Brasil. Ele é conhecido, não só por seus trabalhos artísticos, senão também enquanto autor e tradutor de livros especializados. A destacar entre essas publicações, pela repercussão que teve e ainda tem, está a série elaborada em parceria com o escritor Luis Fernando Verissimo, na qual suas ilustrações “traçam”, com força reveladora – junto ao humor elegante e sutil de Verissimo –, algumas das grandes capitais do mundo, entre elas a nossa modesta Porto Alegre.

São as ilustrações, sem dúvida, o que mais nos *pega*, ao depararmos com um livro, uma capa de livro ou uma aquarela, juntados nas várias exposições de suas obras. Elas nos atraem não só pelo traço preciso e a força do que dizem – esse apanhar imediato, no papel, a essência da coisa ou o significado oculto intuído –, senão também por aquilo que, desde os anos 1980, o fascinou durante um curso de pós-graduação feito nos Estados Unidos da América. O curso deu-se sob a orientação do pintor John Witkin, e o que mais motivou o jovem ilustrador foi o uso natural e espontâneo da cor pelo mestre, ou, como ele mesmo diz, sua despreocupação “com as regras e os preconceitos acadêmicos dos puristas aquarelistas”.<sup>1</sup> Desde aí – imbuído da “despreocupação acadêmica”, que ele foi descobrindo também na técnica de grandes aquarelistas do passado – Joaquim entrevistou “a possibilidade de registrar e documentar as impressões da paisagem urbana e rural” que o interessavam, “procurando explorar os sentidos espaciais de distância e profundidade que os recursos de transparência dessa técnica proporcionam.”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> In “Aquarelas”, catálogo da exposição *Interlúdios de Brasília*, Brasília, DF, 2012. p. 6.

<sup>2</sup> Idem, p. 1.

Nós mencionamos, antes, ser importante não só o que o autor deste livro realizou em sua vida profissional, senão, e no nosso entender especialmente, aquilo que ele “aprontou” nesse longo percurso de vida. E “aprontar”, neste caso, significa o arrombar das cancelas que encerram o agir por si mesmo compreensível, o reconhecido e esperado de alguém no seu meio social. Sendo assim, não é tanto o Joaquim da Fonseca bem instalado em um determinado cenário cultural que nos propomos desenhar neste prefácio; não, portanto, o professor respeitado, o artista festejado, o autor publicado. Por quê? No livro que o leitor tem nas mãos, o que se mostra dele é sobretudo *um jeito seu*, intransferível, de estar aí; algo de surpreendente e inesperado. E isso, é preciso dizê-lo, não só no que se refere a este belo *Alemanha, uma vez*. Há outros dois livros seus, já prontos e admiráveis, ambos, não apenas na força de suas ilustrações, senão também na seriedade da investigação que as sustenta. *Um deles*, voltado ao barroco de Minas Gerais, a ilustrar as ruelas das velhas cidades, mas também, com acuidade impactante, obras do Aleijadinho; *o outro*, voltado à Toscana, na Itália, a colher a riqueza que a arte plantou nos seus caminhos – e o tempo certamente engolirá –, para retê-la na magia de suas aquarelas. Dois livros prontos, portanto, e nunca publicados, como até agora havia sido também este que o leitor tem nas mãos, ainda cheirando a prensa ...

Importa-nos, pois, iluminar a trilha do que torna Joaquim este ser cujo jeito ou a manha fazem tão singular. Em *Alemanha, uma vez*,<sup>3</sup> como o fez nos dois outros livros inéditos, ele se lança à obra curvado à paixão que o define e marca o avanço. Nem cogitou na oferta de uma bolsa ou subsídio qualquer, para ir à Alemanha realizar o projeto sonhado. Fê-lo do próprio bolso, sem esperar reposição ou sequer perspectiva de publicação. Professores, no Sul, não são ricos, menos ainda os artistas, como sabemos; mas pouco se lhe deu gastar todas economias no sonho de “traçar”, também – como havia feito antes (com Luis Fernando Verissimo) em relação a outros objetos de seu desejo –, a Alemanha inteira, ou “quase”, só que agora por si e sem outro recurso que os de seu “pé-de-meia”. Ele “aprontou”, portanto, aqui, mais uma vez. Vale dizer, que o artista se deixou arrastar pelo que, desde a infância, “mexeu” com o ser humano nele. Foi no convívio com a cultura alemã, plantada já (ou

---

<sup>3</sup> A expressão “einmal”, “uma vez”, é muito usada pelos descendentes de imigrantes alemães no Brasil; em geral intraduzível, fica aqui, talvez, como: “Veja só (sieh her), a Alemanha!”.

apenas) há dois séculos no Rio Grande do Sul, que se forjou sua sensibilidade e elaborou a sua compreensão do mundo. Sim, junto à “colônia alemã”, de que nos orgulhamos tanto. Sem deixar de apontar, é verdade, o seu “nariz em cima”, a pretensa “superioridade” e outros mais exageros ainda encontráveis no comportamento de alguns, felizmente poucos, de seus indivíduos.

Sua “simpatia” para com a Alemanha, Joaquim a descobriu ainda menino, como diz na abertura do livro; mas ela foi alimentada pelo que vislumbrou ao longo da existência, sobretudo no tangente às artes e à música alemãs. Mais ainda, talvez, na convivência próxima, e mesmo íntima, com indivíduos dessa proveniência; que foram inúmeros. O que não é naturalmente de espantar, tratando-se do Rio Grande do Sul, onde ele nasceu e se formou. De qualquer modo, foi deste convívio, desta longa vivência com o peculiar modo de ser alemão dos descendentes desses imigrantes nas bandas do Sul, que nasceu, em Joaquim da Fonseca, a necessidade de mergulhar na terra de origem de seus ascendentes. Ele o fez, para pesquisar uma história e os costumes, que embora muitos dos descendentes não consigam “ler” em si mesmos, e até os esqueçam, vêm-se, mesmo assim, derramando pelas florestas, montanhas, vales, rios e pradarias do Brasil, enriquecendo-os ainda mais em sua diversidade.

O que torna, especial este livro é o fato de Joaquim da Fonseca não ter ido à Alemanha apenas para investigar, como pesquisador, o que ela foi no passado e o que se tornou após a grande emigração sofrida. Ele a apanhou, também e sobretudo, na linguagem intraduzível das imagens, que foi dela arrancando *in loco* e em cores. Evocando o que enxerga e descobre no olhar – no corpo a corpo com a pátria abandonada pelos imigrantes alemães –, o artista nos agarra, em suas ilustrações, sacode-nos os sentidos, ao nelas capturar o *outro* dessa pátria que se vai mostrando em sua crucial *diferença*.

É Joaquim, ele mesmo, quem narra, na apresentação do livro, de modo palpável, o percurso escolhido à sua investigação, nessa busca da terra deixada com dor pelos antepassados de nossos “colonos”. Nós podemos segui-lo, vê-lo em ação, na execução das obras impressas neste livro. “A aquarela”, ele escreve, “pode ser produzida ao ar livre ou no estúdio. Normalmente, faço desenhos e esboços com lápis, caneta ou cores, no local que me interessa, anotando valores de cor, luz e sombra, bem como detalhes de importância, realizando a pintura definitiva no estúdio. Às vezes, utilizo como referên-

cia fotografias que tomo no local, especialmente quando é necessária a veracidade arquitetônica. No entanto, havendo boas condições de clima e luminosidade, facilidades de execução e disponibilidade de tempo, prefiro realizar toda pintura no local. O resultado é muito mais espontâneo e natural.”<sup>4</sup>

Resta, talvez, dizer o que nos levou a querer ver publicado este livro. Nele nos fascinou, não apenas a investigação competente e a força do desenho e das cores, nas suas ilustrações. Tocou-nos, sobretudo, ter nele acreditado desvendar a “lei” que rege o seu autor na vida, e se vem espelhar, imprevisível, no trabalho e nas obras que realiza.

Basta que abras o livro, leitor! Teus olhos dirão o sentido desta publicação, sua importância para os descendentes dos alemães emigrados num tempo difícil na terra de origem. No próximo ano festejaremos os dois séculos de imigração alemã no Rio Grande do Sul. Uma data tão mais significativa, porque não diz respeito apenas a esses descendentes, que são e se sentem há muito brasileiros, senão igualmente àqueles que – descendendo de povos nativos ou daqueles um dia brutalmente escravizados, além de outros tantos, entre as mais diversas nacionalidades de imigrantes que vieram povoar o Brasil – há muito se enlaçaram a eles como iguais, e aprenderam a amá-los, como o fez desde a infância o autor deste livro.

Kassel, maio de 2023

Muriel Maia-Flickinger e Hans Georg Flickinger

---

<sup>4</sup> In *Aquarelas*, p. 8.